

Salvamento Arqueológico de Dume — 1987 Primeiros Resultados *

Luís Oliveira Fontes

Resumo

Publicam-se os resultados preliminares das escavações de emergência realizadas no ano de 1987 em Dume, junto à Igreja Paroquial e na Capela de Nossa senhora do Rosário. A intervenção permitiu confirmar a existência de importantes vestígios arqueológicos, atestando uma ocupação que se estende do século I d. C. até aos nossos dias. Reveste particular importância a descoberta do que tudo indica ser a Igreja e Mosteiro alto-medievais de Dume, datáveis do século VI d. C.

Resumé

L'auteur publie les résultats préliminaires des fouilles de sauvetage réalisées en 1987 à Dume, aux environs de Braga. La fouille a permis de constater l'existence d'importants vestiges archéologiques, concernant une occupation qui remonte au I^{er} siècle après J-C. De signaler, parmi les vestiges mis à jour, la découverte de l'Eglise et du Monastère haut-médiévaux de Dume, datables du VI^{ème} siècle après J-C.

Summary

The author presents the preliminary results of the rescue excavations, undertaken in 1987 at Dume, near Braga. A long occupation of the site has been confirmed, since the first century A.D. till nowadays. Particular important was the discovery of what seems to be the high-medieval Church and Monastery of Dume (VIth century A.D.).

* — Desenho de espólio e plantas: Ana Fontes
Fotografia: Perpétua Ferreira (MRDDS).

1. Introdução

O planeamento de obras de restauro e ampliação na Igreja Paroquial de Dume e de arranjo do adro envolvente, com início previsto para a Primavera de 1988, e o aproveitamento da Capela de Nossa Senhora do Rosário, que se situa junto da igreja, para instalação de um núcleo museológico¹, e cujas obras se iniciaram já em 1986 e decorrem ainda, tornaram imperiosa a realização de escavações nesses locais, particularmente por duas razões:

- 1 — Os trabalhos de construção civil, ao implicarem remeximentos do subsolo, constituíam uma séria ameaça ao estudo e preservação futura de importantes vestígios arqueológicos da época romana e alto-medieval, que inúmeros achados e referências documentais atestavam para o local.
Acrescente-se que aquando do levantamento recente do piso interior da Capela de Nossa Senhora do Rosário se haviam colocado a descoberto muros de tipologia romana.
- 2 — Necessidade de os projectos arquitectónicos de restauro e adaptação contemplarem a existência de vestígios arqueológicos, fazendo a sua integração numa perspectiva de valorização dos respectivos espaços.

Neste sentido, e por solicitação das entidades locais, o Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte e a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho implementaram um projecto de Salvamento Arqueológico da Igreja e Mosteiro de Dume², a fim de se determinar a importância dos vestígios e promover a sua salvaguarda e estudo.

É exactamente esse estudo que se pretende iniciar com esta primeira abordagem, apresentando um achado que nos parece fundamental para a investigação da Alta Idade Média do Noroeste português.

¹ A adaptação da capela a núcleo museológico insere-se no projecto de devolução do túmulo do Bispo de S. Martinho à freguesia, na sequência de um processo desencadeado pela Secretaria de Estado da Cultura em 1980, e resulta da consideração de só assim se assegurarem as condições indispensáveis à sua devolução.

² Projecto que contou com o apoio das entidades locais (Comissões Fabriqueiras, Paróquia e Junta de Freguesia) e a autorização da Igreja.

2. Localização Geográfica e Contexto Histórico

A Igreja e Mosteiro de Dume situam-se no lugar do Assento, junto à Igreja Paroquial da freguesia de Dume, nos arredores de Braga (Est. 1 — 2).

As coordenadas geográficas do lugar, tiradas em relação à torre sineira da igreja³, são:

Latitude _____ 41° 33' 18" N

Longitude _____ 0° 41' 25" E (meridiano de Lisboa).

Os monumentos referidos localizam-se na chamada «Ribeira de Dume», em pleno vale do Cávado e próximo do maciço montanhoso que limita a bacia hidrográfica a sul, no início da planície que se estende até ao rio com um suave pendor para Oeste. A altitude média do local é de 90 metros.

O substrato rochoso granítico, granito porfiróide de grão médio a fino⁴, é coberto por um espesso solo humoso abundantemente irrigado pelas linhas de água que descem das elevações a Sul (Montélios, Monte Castro e Montariol), e que vão juntar-se na ribeira de Gafos atravessando a planície em direcção ao Cávado.

A paisagem envolvente é marcadamente rural, de tipo «bocage», apresentando-se retalhada em pequenas propriedades intensamente agriculturadas, onde as culturas do milho, leguminosas, vinho e forragens constituem as principais produções.

O acesso à estação arqueológica pode fazer-se a partir de Braga, seguindo pela estrada E.M. — 589 até ao seu cruzamento com a E.N. 205-4. Aí, virando à esquerda, e a cerca de 120 metros, encontra-se a Igreja Paroquial de Dume construída sobre a antiga igreja e mosteiro.

A localidade de Dume é conhecida, já desde o séc. XVIII (ARGOTE 1747) pela abundância de vestígios arqueológicos de época romana, que trabalhos agrícolas ou de construção civil foram casualmente colocando a descoberto.

Por outro lado, inúmeras fontes documentais⁵ referenciam para o local uma intensa ocupação medieval, associada sobretudo ao Bispado de Dume, sendo o túmulo do Bispo S. Martinho a expressão material mais significativa que se conhece.

Embora os achados se dispersem por toda a freguesia, é notável, contudo, a sua abundância nas proximidades da Igreja Paroquial: praticamente em todas as casas e terrenos contíguos se encontram fragmentos de fustes e bases de colunas, cerâmica e telha, e mesmo epígrafes romanas (COUTINHO 1957; FREITAS 1890; LEAL 1874; MACIEL 1980; MARTINS 1987).

³ Folhas nº 56 e 70 da Carta 1:25 000 dos Serviços Cartográficos do Exército.

⁴ Folha 5D-Braga da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, dos Serviços Geológicos de Portugal.

⁵ Encontram-se inúmeras referências a Dume no *Liber Fidei*, nas Actas dos Concílios Episcopais dos séculos VI e VII e nos *Miracula S. Martini* de S. Gregório Turonense.

3. A Escavação

Determinada por razões de salvaguarda, a escavação incidiu nas áreas ameaçadas por obras já em curso, caso da Capela de Nossa Senhora do Rosário, e em áreas cuja ameaça se manifestava a curto prazo, caso do adro a Sul da Igreja Paroquial (Est. II).

Tinha-se apenas como referência a descoberta de um muro de tipologia romana no interior da capela, e a descrição de importantes estruturas, feita por vários autores, relativamente ao adro da igreja.

Os objectivos da escavação, condicionados pelo carácter de salvamento de que a intervenção se revestia, orientaram-se portanto para a confirmação, ou infirmação da existência de vestígios arqueológicos, avaliação da sua importância e extensão e, complementarmente, para a apreensão da sequência ocupacional do sítio⁶.

3.1. Metodologia

3.1.1. Sistemas de referência

Na ausência de qualquer sistema de referências, considerámos como mais adequado implantar uma quadrícula que se orientasse pelas estruturas existentes.

Para a zona do adro tivémos por base os alinhamentos da Igreja Paroquial e para o interior da Capela de Nossa Senhora do Rosário os alinhamentos da própria capela, determinando a diferente orientação espacial destas duas construções a implantação de duas quadrículas com eixos diferentemente orientados, embora facilmente relacionáveis, pois o desvio é de apenas 4°.

Na primeira zona referida, que designámos por Sector A, estabelecemos uma quadriculagem de base de 4 x 4 m, marcando-se para escavação quadrados de 3,5 x 3,5 m, de modo a deixar entre os cortes banquetas de 0,5 m, necessárias à circulação de pessoas (Est. II).

Na segunda zona, correspondente ao interior da capela e designada por Sector B, contemplou-se a existência de pavimentos e a própria planta do edifício, por assimétrica. Assim, para a nave marcaram-se rectângulos de 2,40 x 2,30 m, e para a parte correspondente à capela-mor rectângulos de 2,10 x 1,90 m; 2,10 x 1,70 m; 2,60 x 1,90 m e 2,60 x 1,70 m. Devido à

⁶ Os trabalhos de escavação decorreram de 16 de Fevereiro a 31 de Dezembro de 1987, tendo sido subsidiados pelo Instituto Português do Património Cultural. Contámos ainda com o apoio da Junta de Freguesia e Paróquia locais, Centro de Emprego de Braga/ Instituto de Emprego e Formação Profissional, Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, Museu Regional de Arqueologia de D. Diogo de Sousa, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho e Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte. As escavações foram dirigidas pelo signatário, sob a supervisão do Dr. Francisco S. Lemos (então director do S.R.A.Z.N.), contando ainda com a preciosa colaboração do Dr. Manuel L. Real, a quem agradecemos o acompanhamento dos trabalhos.

exiguidade do espaço não se deixaram banquetas entre os cortes, optando-se pela sua escavação alternada, em «xadrez» (Est. II).

3.1.2. Decapagem e registo

Foram efectuados um total de 16 cortes (9 no Sector A e 7 no Sector B), procedendo-se em todos eles a uma decapagem horizontal por níveis artificiais de espessura variável (entre os 20 e os 5 cm), de acordo com a menor ou maior complexidade das estruturas e/ou dos sedimentos encontrados.

Para efeitos de identificação e registo, criou-se um código alfabético-numérico, referenciável ao sítio, ano da escavação, sector e corte — exemplo: SMD 87 A74, isto é: S. Martinho de Dume, ano de 1987, Sector A, corte 74.

O espólio recolhido foi referenciado às diferentes camadas detectadas, fazendo-se ainda um registo específico, com posicionamento individualizado, para objectos de particular significado como sigillatas, elementos arquitectónicos, ou objectos metálicos.

3.2. Sector A:

Os cortes abertos neste Sector atingiram uma área de 140 m², e foram designados de acordo com a quadrícula previamente estabelecida: A15, A72, A74, A75, A76, A92, A93, A94 e A95.

A complexidade das estruturas surgidas e condicionalismos de ordem prática (más condições climatéricas e falta de mão de obra), não permitiram a escavação de toda a zona envolvente da Igreja Paroquial, conforme tínhamos inicialmente previsto. Mesmo assim, foi possível escavar quase integralmente a área a Sul da igreja e fazer uma sondagem no lado Norte (Est. II).

A descrição das estruturas e das camadas será apresentada de baixo para cima, identificando-se as primeiras com letras e as segundas com números árabes.

3.2.1. Estruturas (Est. III e VII)

A Estampa III apresenta-nos a planta das estruturas detectadas, permitindo distinguir dois conjuntos: o formado pelos vestígios da primitiva igreja de Dume (estrutura B), seu alargamento (estruturas C, C1, C2 e C3), anexos e construções complementares (estruturas D, E, F e G); e o formado pelos vestígios de construções relacionadas com o abastecimento de água, a Sudeste do anterior (estruturas H e I). A estrutura A revelava uma orientação excêntrica aos dois conjuntos referidos, estabelecendo a ligação com o conjunto de estruturas do Sector B. A estrutura J revelava igualmente uma orientação distinta, relacionando-se com a propriedade a Sul.

Estrutura A — Corresponhia a um «muro fantasma», definido por uma vala de fundação aberta na arena granítica, com uma profundidade média de 0,60m e 0,70m de largura máxima, e com uma secção de forma tronco-cónica invertida (Est. IV-1 e 2).

Desenvolvia-se pelos cortes A92, A93 e A94, numa extensão de 10 metros, e revelava uma orientação paralela às estruturas do sector B, no sentido Noroeste/Sudeste.

Estrutura B — Desenvolvia-se em arco de círculo pelas zonas A74, A93 e A92, definindo uma planta absidal em arco prolongado — corresponderia à abside Sul da primitiva igreja.

Assentava directamente na arena granítica, e era formada por grandes silhares de granito «almofadados», dispostos em duas linhas paralelas que limitavam um enchimento interior de cascalho, calhaus e argamassa de terra argilosa, totalizando uma espessura de 1,20m (Est. XII-1).

Montados em fiadas horizontais regulares, apresentavam as «almofadas» viradas para o exterior, definindo na face interna da parede uma superfície lisa e na externa uma superfície irregular.

Esta estrutura, parcialmente desmontada em A93 e quase completamente destruída em A92, devido a violação, apresentava-se com vestígios de pavimentação no interior, definida por uma fina camada horizontal de argamassa amarela e na qual foram abertos buracos para implantação de postes ou colunas.

Estrutura C — Surgia encostada à face externa da estrutura B que envolvia em toda a sua extensão, prolongando-se ainda pelas zonas A72, A75 e A76, correspondendo nestas duas últimas ao arranque da ábside Este. Um pequeno troço desta estrutura foi igualmente detectado a Norte da Igreja Paroquial, em A15, revelando o que corresponderia a parte da ábside Norte da primitiva igreja.

Em A72, revelava uma entrada definida por uma soleira e um cunhal, e ainda vestígios do arranque da ábside Oeste (Est. XIII-3). Nesta zona apresentava uma espécie de rodapé exterior, formado por tégulas, pequenas placas de ardósia e fragmentos de tijolos, com uma largura aproximada de 0,40m, que na parte correspondente à soleira dava lugar ao que parecia ser um degrau, formado por três tijolões com restos de mosaicos (Est. X-2 e XIII-3).

A disposição dos vestígios desta estrutura revelava uma planta em cruz com braços definidos pelas ábsides semi-circulares prolongadas, sendo possível reconstruir a quase totalidade do seu traçado à excepção da ábside Oeste.

Com uma largura média de 0,80m, esta estrutura tinha sido solidamente implantada na arena granítica através da abertura de uma vala de fundação ligeiramente mais larga que a parede (Est. XII-1). A construção era em alvenaria de pedra e fragmentos de tijolos, revelando as suas faces um aparelho regular e de boa qualidade, dispondo-se os blocos em fiadas horizontais. Ao nível do alicerce apresentava blocos de maiores dimensões colocados espaçadamente e ligeiramente salientes em relação ao prumo da parede.

Na ábside Sul aparecia com um pavimento, que se sobrepunha à estrutura B, parcialmente destruído em A93 e A92, e de excelente qualidade: de argamassa feita com fragmentos

irregulares de tijolo e pedra (granito e calcáreo), com cerca de 4 cm de comprimento médio, misturados com cal, areia e barro, formando uma espécie de betão extremamente compacto, com uma espessura média de 10 cm. Esta camada de argamassa assentava sobre uma camada de calhaus e cascalho, que funcionava como fôrro do pavimento propriamente dito, isolando-o do contacto com os sedimentos subjacentes. A superfície, embora desnivelada, apresentava-se uniforme, revelando vestígios de uma fina camada superficial de barro vermelho (Est. XI-2).

A estrutura aparecia acima do pavimento em A93, A74, A75 e A76, revelando nestas duas últimas zonas apenas a face externa, tendo o alicerce da igreja actual destruído a outra face. A parede foi também destruída em A92 e A93, onde aparecia quase só ao nível do alicerce. Finalmente, em A72 apenas se detectou a face exterior, estando a interior oculta pela banquetta.

Estruturas C1, C2 e C3 — Eram apêndices da estrutura C, na qual travavam, correspondendo a contrafortes. Dispunham-se radialmente a partir do tópo da ábside Sul, desenvolvendo-se pelas zonas A92, A93 e A94. Apenas um dos contrafortes foi detectado em toda a sua extensão (estrutura C1), e apresentava as mesmas características construtivas da estrutura C, já descritas. Tinha um comprimento de 2,30m e 0,50m de largura, terminando por um travamento em bloco de granito com a largura da parede.

Estrutura D — Correspondia aos vestígios de um muro, praticamente no alicerce, que surgia em A75 e A94 sob um pavimento tipo «opus signinum» que encostava à estrutura C, estendendo-se por toda a zona A75 e parte da A94. Neste pavimento estavam incrustadas duas bases de coluna, uma truncada e adossada à estrutura C, e outra invertida no canto Sudeste do corte A75.

O pavimento apresentava-se revolvido nas bandas Norte e Sul, tendo sido destruído na primeira pela implantação da igreja actual e na segunda por uma grande vala de violação. O muro designado por estrutura D adossava à ábside Este da estrutura C, e apresentava apenas quatro pedras faceadas, com um alinhamento que corresponderia à sua face Oeste. O alicerce era de calhaus, cascalho e terra, implantando-se nos estratos subjacentes.

Estrutura E — Correspondia aos vestígios de um muro que surgia sob o pavimento tipo «opus» que descrevemos atrás, e que aparecia em A94 arrancando do perfil do testemunho deixado a Norte, prolongando-se cerca de 0,90m. Revelava um bloco de granito afeiçoado, alicerçado em alvenaria de tijolo e pedra, mais larga que o bloco, não sendo visível qualquer vala de fundação. Assentava parcialmente na estrutura C1.

Estrutura F — Correspondia a uma sepultura e situava-se no corte A74, no interior da ábside Sul. A sua implantação traduziu-se no rompimento do pavimento da estrutura C e estratos inferiores, e na desmontagem e aproveitamento parciais da estrutura B.

De forma trapezoidal alongada, ligeiramente mais estreita a Oeste e alargada a Este, apresentava paredes formadas por grandes blocos de granito afeiçoados, e fundo em terra. A cobertura era composta por uma grande laje de calcáreo e duas mais pequenas de granito. No

seu interior encontraram-se restos osteológicos de um indivíduo, amontoados no lado centro-oeste, posição que sugere ter sido alvo de violação (Est. XIII-2).

Estrutura G — Vestígios de um muro em alvenaria de granito e fragmentos de tijolo, assente no pavimento da Estrutura C através de argamassa arenosa, esbranquiçada. Com cerca de 0,60m de extensão e 0,85m de largura, as suas faces revelavam uma orientação aproximadamente Este/Oeste, não sendo possível apreender qualquer relação com as outras estruturas.

Estrutura H — Canalização de pedra, com paredes laterais em alvenaria de blocos de granito afeiçoados e tijolo, dispostos em fiadas horizontais. Apresentava-se parcialmente coberta por lajes de granito colocadas transversalmente, e revelava um leito em tijolões sobre os quais as paredes assentava parcialmente.

Definiam-se dois troços distintos: um orientado Norte/Sul, e outro orientado Este/Oeste e no qual vinha encaixar o primeiro. O conjunto desenvolvia-se pelas zonas A76, A94 e A95, apresentando-se destruído nas duas primeiras, devido a violações.

Estrutura I — Era definida por um profundo corte na arena granítica, apresentando em plano uma forma aproximadamente rectangular. O seu enchimento foi escavado apenas até 2,50m, desconhecendo-se a sua profundidade total.

Revelou na sua parede Este um forro de calhaus e cascalho, ligados por terra argilosa.

Pensamos que corresponderia a um poço cisterna de recepção, no qual desembocaria a canalização.

Estrutura J — Alinhamento irregular de grandes pedras e calhaus de granito, sem qualquer afeiçoamento, orientado perpendicularmente em relação à parede Sul da Igreja Paroquial, da qual arrancava em direcção à propriedade particular, situada a Sul.

Parece tratar-se do alicerce de um muro divisório da referida propriedade.

Com uma construção pouco cuidada, apresentava uma largura média de 1,20m, descia até ao pavimento da estrutura C, no qual assentava, e desenvolvia-se numa extensão de 7 metros, exactamente entre as zonas A73/ A74 e A92/ A93.

Alicerces da Igreja Paroquial — Foram detectados apenas do lado exterior do templo, em A74, A75 e A76. Eram constituídos por grandes blocos de granito não afeiçoado, irregularmente sobrepostos, sobressaindo da parede cerca de 0,80m. Implantados através de vala de fundação, que cortava as estruturas B e C, assentavam quer nestas estruturas, quer no solo natural.

3.2.2. Estratigrafia (Est. IV-1 e 2)

Para a análise da estratigrafia deste sector seleccionámos os cortes representados na

Estampa IV — 1 e 2, fazendo-se a descrição das camadas articulando-as com as estruturas.

A camada 1 correspondia ao enchimento da vala de fundação designada por estrutura A. Apresentava uma matriz arenosa bastante homogénea, de coloração beije, muito semelhante à arena granítica e com poucos elementos grosseiros. Na parte superior apresentava uma lenticula de coloração negra (c. 1a), que interpretamos como deposição de sais, resultante da elevada impermeabilidade da camada.

As camadas 2, 3, 4 e 5 eram variações ligeiramente mais escuras, castanhas ou acinzentadas, as duas últimas com alguns fragmentos de tijolo disperso. Assinale-se ainda que a camada 2, em A75, envolvia 2 blocos de granito faceados, um deles com reboco de tijolo moído numa das faces. Interpretamos este conjunto de camadas como correspondendo a um aterro que entulhou a estrutura A e nivelou o solo natural.

A camada 6 correspondia a uma bolsa de argamassa argilosa de coloração amarela. A camada 7, era composta por terra areno-argilosa de média consistência e coloração castanha acinzentada, com algum cascalho disperso. Estas duas camadas deverão corresponder a revolvimentos e deposições resultantes da abertura da vala de fundação da estrutura B.

As camadas 8, 9, 10 e 11 constituíam o enchimento da vala de fundação da estrutura B, escavado em A74, A92 e A93: de forma lenticular, coloração esbranquiçada e muito compacta a primeira, de consistência média e coloração castanha e/ou cinzenta as outras.

Para Este da estrutura B, nas zonas A75 e A94, registaram-se mais dois estratos cujas características nos sugerem tratar-se de camadas detríticas de construção, relacionáveis ainda com esta estrutura: camada 12, de terra castanha com bolsas de areia e de argamassa amarela, de matriz arenosa fina, envolvendo cascalho e calhaus afeixoados; camada 13, de terra argilosa de coloração cinzenta escura, com abundantes bolsas de argamassa amarela, pontos de carvão e algum material grosseiro disperso. Estas duas camadas recobriam indiferentemente a camada 2 e a arena granítica, que aqui aparecia rasgada por sulcos com uma profundidade média de 0,20m, geralmente com uma orientação NE-SW, e para os quais não nos é possível adiantar qualquer interpretação.

Cortando as camadas 6, 7 e 11, aparecia a camada 14, correspondente ao enchimento de um covacho, formado por terra castanha escura e calhaus irregulares. Sobrepondo-se-lhes e encostando à face interna da estrutura B, em A93, identificamos a camada 15, composta por terra arenosa, de coloração castanha amarelada com tons ferruginosos, muito consistente. Interpretamos esta camada, que se estende pelas zonas A74, A92 e A93, como um solo de ocupação da estrutura B, ou mais provavelmente, como uma camada de assentamento de um pavimento que teria sido retirado aquando da desmontagem/ demolição da referida estrutura. Neste nível de ocupação registaram-se ainda alguns buracos de postes/ colunas, cujo levantamento terá originado a deposição da camada 16, formada por lenticulas e bolsas de terra amarelada com manchas castanhas, terra cinzenta e argamassa de tijolo. Em A74 e A93, sobre o nível de ocupação (camada 15), detectou-se uma fina camada cinzenta escura, com carvões dispersos, que não se manifestou nos cortes apresentados.

As estruturas C, C1, C2 e C3 apresentaram uma vala de fundação comum, cujo enchimento era constituído por várias camadas: camada 17, argamassa amarela, argilosa, consistên-

cia variável; camada 18, lenticulas e bolsas de terra preta, argamassa amarela e terra esbranquiçada, areno-argilosa e média consistência; camada 19, lenticulas de terra castanha manchada de amarelo e de terra cinzenta. Pontos de carvão dispersos, fragmentos de tijolo, cascalho e calhaus nas camadas 18 e 19.

A camada 20 a, correspondia a um enchimento de terra amarela acastanhada, com bolsas de argamassa. A camada 20 b, era uma lenticula de terra castanha acinzentada. A camada 20 c, correspondia a uma lenticula de argamassa amarela, argilosa, que em A93 e A94 encostava às estruturas C e C1, selando a vala de fundação (camada 19). A camada 21, de terra castanha amarelada, estendia-se pelas zonas A92 e A93, recobrimdo igualmente a vala de fundação (camada 19). Este conjunto de 4 camadas, parece corresponder a um enchimento de regularização do solo exterior à edificação definida pelas estruturas C, C1, C2 e C3, admitindo-se que a parte superior destes estratos constituisse o nível de circulação/ ocupação. Verificamos igualmente, como evidencia a estratigrafia, que os contrafortes (estruturas C1, C2 e C3), se elevavam acima da superfície de utilização.

As estruturas H e I articulavam-se também com o conjunto de camadas referido no parágrafo anterior, a primeira assentando sobre as camadas 2 e 13, e a segunda cortando a camada 2 e a arena.

As camadas 22 e 23 correspondiam ao pavimento interior da ábside Sul da estrutura C, sendo a primeira uma camada de preparação composta por cascalho e calhaus de granito e calcário, e fragmentos de tijolo, ligados por terra acastanhada e argamassa arenosa esbranquiçada, sobre a qual assentava a segunda, que é uma argamassa de cascalho e fragmentos de tijolo, predominando os segundos, mais cal, areia e barro vermelho, com uma elevada consistência.

A camada 24, de terra castanha clara, areno-argilosa fina, articulava-se ainda com as estruturas C e C1, a Norte desta, parecendo corresponder a um novo enchimento de nivelção sobre o qual viriam a assentar as camadas 25 e 26, com uma coloração ligeiramente mais clara. Estas duas camadas foram cortadas a Norte pela implantação da estrutura D, através da abertura de uma vala de fundação (camada 27 — terra areno-argilosa fina, de coloração cinzenta).

A estrutura E, parcialmente apoiada sobre a estrutura C1 e sobre a camada 24, aparecia articulada com as seguintes camadas: camada 28, formada por uma lenticula de terra de matriz arenosa, de coloração amarela, tipo argamassa, com fragmentos de tijolo e algum cascalho dispersos. Poderia corresponder ao nível de ocupação da estrutura E; a camada 29 cobria a anterior, correspondendo ao abandono/ destruição da referida estrutura, apresentando abundante material grosseiro envolto em terra de coloração castanha e abundantes bolsas de argamassa esbranquiçada.

A camada 30, correspondente ao derrube da estrutura D, era sobreposta a Oeste pela camada 31, que se estendia até à estrutura C, sobre a camada 29 e sobre a estrutura E. Era formada por terra de matriz arenosa e coloração castanha, com bolsas de areia amarelada, restos de pavimento (camada 33?), e material grosseiro dispersos.

Sobre o conjunto das camadas articuladas com as estruturas D e E, atrás descrito, viria a

sobrepor-se um pavimento de tijolo moldo, tipo «opus», muito bem consolidado, que se estendia por toda a zona A75, encostando à estrutura C, e lado Norte da A94.

Nele surgiram embutidas duas bases de coluna, uma delas invertida. Nas suas bandas Norte e Sul, pudemos constatar que o pavimento havia sido remexido e novamente reposto, mas de forma já menos cuidada. No lado Sul, este remeximento oferecia a seguinte sequência: camadas 29 e 31, já descritas; camada 32, de terra castanha com material grosseiro disperso, correspondendo ao nivelamento de preparação para receber o pavimento; camada 33, que era o pavimento tipo «opus» recolocado, apenas com fragmentos de tijolo, praticamente sem argamassa de ligação e a uma cota ligeiramente mais baixa que o não remexido.

As camadas 34 e 35 correspondiam ao abandono e demolição da estrutura C, estendendo-se sobre o seu pavimento interior (camada 23). Eram formadas, respectivamente, por terra argilosa fina, de coloração castanha ferruginosa, e terra de matriz areno-argilosa, de coloração castanha acinzentada, com abundância de material grosseiro disperso.

A camada 36, era de terra amarela acastanhada, pouco consistente, com bolsas de argamassa e material grosseiro dispersos. Correspondia ao remeximento das estruturas B e C, que foram profundamente danificadas por valas de saque de pedra — em A92 traduziram-se no quase total desaparecimento da estrutura B e na desmontagem das estruturas C e C2 até ao alicerce.

As camadas 37 a 53 correspondiam ao enchimento das referidas valas de saque. Apresentavam uma coloração que variava entre o cinzento escuro e o amarelo acastanhado, com pontos de carvão e esquirolas de ossos dispersos, de consistência variável. Como característica comum, a grande quantidade de fragmentos de tijolo e telha, cascalho e calhaus. A existência de fragmentos de ossos sugere ainda que existiriam enterramentos nas proximidades, destruídos pelas valas de saque.

A camada 54, que se estendia sobre o pavimento exterior da estrutura C (camada 33), era formada por terra areno-argilosa com média consistência, de coloração castanha clara. Apresentava pequenas bolsas de argamassa amarela, algum cascalho e fragmentos de tijolo dispersos. Corresponderá ao abandono do pavimento.

A camada 55, de terra de coloração castanha escura, consistência variável e com abundante material grosseiro disperso estendia-se por toda a área escavada. Corresponhia à destruição e entulhamento das estruturas descritas, apresentando-se articulada com a estrutura J. Incorporava ainda, em A74, o esqueleto de um indivíduo, orientado Este-Oeste, com os pés para Nascente, sem qualquer vestígio de construção sepulcral.

3.2.3. Espólio

Não cabendo aqui um estudo exaustivo do abundante espólio recolhido⁷, pareceu-nos importante, porém, e ainda que de forma sumária, descrever as suas características gerais e referir alguns elementos mais significativos⁸.

A — Cerâmica

Ao nível da cerâmica surgiram vários fabricos romanos e medievais, predominando estes últimos nas camadas 25 a 55, diminuindo nas camadas 6 a 24 e revelando-se ausentes nas camadas 1 a 5. A cerâmica romana aparece em praticamente todas as camadas, predominando nos níveis de remeximento.

Nos fabricos romanos são predominantes as cerâmicas comuns, limitando-se as cerâmicas de importação a alguns fragmentos de ânfora de formas indetermináveis. Registe-se o aparecimento de apenas um fragmento de «cerâmica bracarense» (Est. VIII), proveniente de níveis remexidos, e a total ausência de fabricos romanos tardios, tipo Late Roman C ou cerâmicas cinzentas paleo-cristãs.

Nos fabricos medievais foi possível distinguir claramente 3 grupos:

- um primeiro em que predominam cerâmicas do tipo das «cerâmicas medievais da Senhora do Leite» (GASPAR 1985), provenientes sobretudo das camadas 39 a 55 e ausentes nas camadas 6 a 23 (Est. IX).
- um segundo, menos abundante, constituído por cerâmicas cinzentas, bem cozidas, com paredes pouco espessas e geralmente com superfícies externas simplesmente alisadas, embora por vezes polidas. As pastas apresentam grãos de quartzo não boleados, por vezes de grandes dimensões, e abundantes elementos de micas. Aparece muito fragmentada, acima da camada 7 (Est. VIII).
- um terceiro, quantitativamente pouco expressivo, constituído por cerâmicas grosseiras com pastas de cor variável entre o castanho avermelhado e o cinzento, de paredes geralmente espessas e superfícies alisadas, com abundância de pequenos pontos de micas. Aparece apenas a partir da camada 15 (Est. VIII).

B — Outros Materiais

Os vidros recolhidos são de época romana, não sendo reconstituível qualquer forma.

⁷ O espólio proveniente das escavações encontra-se provisoriamente depositado no Centro Paroquial de Dume, tendo em vista a sua futura integração nas reservas do núcleo museológico de Dume.

⁸ Agradecemos a identificação da sigillata à Dra. Manuela Delgado, que nos forneceu também indicações para a caracterização das cerâmicas.

Predominam os de cor verde-gelo, sendo alguns de cor verde-azeitona.

Os metais são pouco abundantes, predominando os pregos de ferro. As moedas são quase todas posteriores à nacionalidade, apresentando-se com adiantados processos de corrosão que impossibilitam a sua rigorosa classificação.

Refiram-se finalmente, alguns elementos arquitectónicos: quatro bases de colunas, três de granito e uma de calcário, um provável fragmento de «cancel» (Est. X — 1), em calcário, decorado com motivos vegetais, em estilo de filiação clássica — ramos, trevos e folhas de hera; um capitel de pilastra, em granito, de estilo indefinível; e três fragmentos de mosaicos de tipologia romana, que serviam de degrau de acesso ao templo (estrutura C). Com uma temática decorativa geométrica, com paralelos nos mosaicos romanos do Conventus Bracarensis (ACUNA CASTROVIEJO 1974), apresentam a particularidade das «tessellae», com cerca de 1 cm de lado, assentarem sobre tijolos com as dimensões médias de 30 × 40 × 10 cm (Est. X — 2).

3.2.4. Interpretação

Com base nas características das estruturas, na estratigrafia e no espólio exumado, formulamos, com carácter hipotético, a seguinte interpretação da sequência ocupacional neste sector:

Fase I — Corresponde aos vestígios mais antigos, definidos pela estrutura A e camadas 1 a 5. A vala de fundação testemunha a existência de um muro, que terá sido desmontado para reutilização dos materiais ou que simplesmente nunca chegou a ser construído. Pela sua orientação, articular-se-ia com o conjunto das estruturas do sector B, integrando-se na sua Fase I. Pelas características da deposição dos enchimentos e pelo espólio cerâmico fornecido, exclusivamente de fabrico romano, esta fase corresponderia a um momento terminal de uma ocupação romana.

Fase II — Sobre os enchimentos da fase anterior, foi construída a estrutura B, cuja vala de fundação (camadas 8, 9, 10 e 11) cortou os estratos subjacentes. Interpretamos a estrutura B como um troço da ábside Sul da primitiva igreja de Dume, cuja configuração, atendendo ao traçado do alargamento posterior (ver Fase III), sugere uma planta tipologicamente enquadrável na arquitectura paleo-cristã (ALMEIDA 1962; CABALLERO ZOREDA 1987; COUTINHO 1978; SCHLUNK 1978). Admitimos mesmo, que possa corresponder ao edifício que o Bispo S. Martinho sagrou sede da diocese de Dume, em 558, e cuja construção é expressamente referida em documento do último quartel do séc. VI⁹.

⁹ S. Gregório Turonense, contemporâneo de S. Martinho de Dume, nos *Miracula S. Martini*, Livro IV, cap. 7, refere a existência de um templo em Dume, que teria sido construído cerca de 550: «...Erat enim eo tempore Miro Rex in Civitate illa, in qua decessor ejus Basilicam Sancti Martini aedificaverat,...» (AMARAL 1803,4 e FERREIRA 1928).

As camadas 6, 7, 12 e 13 integrar-se-iam nesta fase, e corresponderiam a enchimentos provocados pela construção da estrutura B. As camadas 14 e 15 corresponderiam à sua ocupação, mas optamos por integrá-las na fase III por estarem remexidas.

Fase III — O terceiro período de ocupação é definido por um conjunto de estruturas e camadas correspondentes à ampliação da primitiva igreja. Esse alargamento traduziu-se na desmontagem parcial da construção anterior (estrutura B), com perturbação dos estratos que a ela estavam associados no lado interno (camadas 14, 15 e 16), e na construção do novo edifício (estruturas C, C1, C2 e C3), que foi adossado à face externa do antigo, implantando-se solidamente na arena granítica através de uma vala de fundação (camadas 17, 18 e 19) que cortou os estratos subjacentes.

O traçado desta nova construção parece ter sido determinado pela anterior — conforme indica o acoplamento das paredes na ábside Sul (Est. XII — 2). Verifica-se também uma reutilização de materiais, como testemunham os blocos «almofadados» que integram as suas paredes e alicerces e os fragmentos de mosaicos junto da soleira, detectada em A72.

As camadas 20a, 20b, 20c e 21, serviram para regularizar a superfície exterior do templo, enquanto no interior deste o lançamento do pavimento argamassado (camadas 22 e 23) soterrava completamente a igreja primitiva. Num momento terminal desta fase, teria sido construída a estrutura G, sobre o pavimento, sem que nos seja possível definir a sua articulação. Do mesmo modo, o enterramento correspondente à estrutura F foi realizado cortando o pavimento e os estratos anteriores.

Relativamente à estruturação do espaço interior do templo, não recolhemos elementos suficientes que permitam avançar qualquer consideração — as duas depressões existentes no pavimento, de forma rectangular arredondada, aparecem isoladas, sem que se consiga estabelecer relação com uma presumível utilização litúrgica do espaço.

No que concerne ao espaço exterior, admitimos que o lançamento dos contrafortes, a partir do topo da ábside Sul¹⁰, bem como a construção da canalização (estrutura H) e do poço/ cisterna (estrutura I), que consideramos contemporâneos, terão implicado um novo ordenamento cujos contornos globais, no entanto, nos escapam.

Factos históricos relatados pelas fontes escritas¹¹, mais do que o espólio recolhido

¹⁰ O recurso à construção de contrafortes poderá considerar-se, aqui, excepcional. Efectivamente, e de acordo com as mais elementares regras de arquitectura, as edificações de planta circular, sendo as que oferecem maior estabilidade, dispensam qualquer contrafortagem. Neste caso, porém, não será de excluir que se tenha recorrido à sua aplicação, por motivos de ordem meramente técnica, face à necessidade de vencer o acentuado desnível do solo natural que existe entre as ábsides Norte e Este e a ábside Sul (cerca de 2 metros).

¹¹ A doação de Dume ao Bispo de Mondonhede, S. Rosendo, em 877; a delimitação do termo de Dume e confirmação da doação anterior, em 911; o processo de restauração da Diocese de Braga que se desenvolveu por finais

referenciável a esta fase (Est. VIII), sugerem-nos uma cronologia que se poderá situar entre finais do séc. IX e inícios do séc. XII, correspondendo, grosso modo, ao período da Reconquista Cristã e de afirmação da nacionalidade.

Fase IV — Nesta fase incluímos remeximentos, repavimentações, construção de anexos, enterramentos e abertura das primeiras valas de saque de pedra (estruturas De E e camadas 24 a 43), que corresponderão à definitiva desactivação da igreja, provavelmente já em ruínas.

Estas camadas e estruturas articular-se-iam, embora não tenha sido obtida uma relação estratigráfica evidente, com a construção de um novo edifício religioso, de concepção arquitectónica absolutamente distinta. Referimo-nos ao corpo da actual Igreja Paroquial, cuja edificação se terá realizado entre os séculos XVI e XVII¹².

O espólio proveniente das camadas referidas corrobora esta interpretação, permitindo-nos apontar para um período de ocupação tardo-medieval (Est. IX).

Fase V — Corresponde aos revolvimentos e perturbações mais recentes (camadas 44 a 55 e estrutura J), relacionados quer com a ampliação do corpo Este da actual igreja¹³, quer com a reconstrução da casa e jardim da propriedade que limita o adro do lado Sul. Estes revolvimentos provocaram significativos danos nas ruínas arqueológicas e simultaneamente na estratigrafia, dificultando a interpretação da sequência ocupacional do sítio.

3.3. Sector B:

Os cortes abertos neste sector atingiram uma área de 33 m², tendo sido designados de

do séc. XI; e finalmente, a devolução de Dume à Diocese de Braga, em 1103, constituem indícios seguros da movimentação de interesses religioso-políticos e económicos, em cujo contexto fará mais sentido a reconstrução da igreja (COSTA 1959 e 1965).

¹² As informações relativas à construção da actual igreja paroquial são bastante confusas. A generalidade dos autores que se lhe referem, aludem a uma «reedificação» do século XVIII (entre 1734 e 1775), sem especificar o tipo de obras realizadas. Mais explícito é Frei Francisco de Sant'Iago, citado por Manuel Silva (SILVA 1919, 61), que na sua *Chronica da Soledade*, editada em 1762, refere: «até que acrescentando-se a capella maior na forma que hoje está,...» Temos pois para a primeira metade do século XVIII, obras de «acrescentamento» e não de reedificação, e relacionando-se com um templo que, não sendo a primitiva igreja de Dume, completamente soterrada e alvo de escavações em meados do século XVIII, (COUTINHO 1957, 292), teria sido construído entre os séculos XVI e XVII. Esta interpretação está de acordo com a leitura arquitectónica do actual edifício, formado por dois corpos efectivamente distintos: o de Oeste será o mais antigo, tendo sido posteriormente objecto de transformações e ampliações (fachada e corpo Este).

¹³ Sintomaticamente, esta cronologia concorda com as datações apontadas por Alain Tranoy para algumas epígrafes romanas de Dume (TRANOY 1981).

acordo com a quadrícula previamente estabelecida: B1, B2, B3, B6, B7, B10 e B11.

A abertura alternada dos cortes permitiu conhecer a estratigrafia do interior da capela na sua totalidade, obtendo-se um perfil longitudinal e vários transversais. Para a descrição das camadas e das estruturas, seguiremos os mesmos critérios usados no sector A.

3.3.1. Estruturas (Est. V e VII)

A Estampa V apresenta-nos a planta das estruturas detectadas, que se revelam como um conjunto bastante homogéneo. A sua orientação é paralela à da estrutura A do sector A, que se integraria pois neste conjunto.

Estrutura A' — Surgia no corte B7, com uma orientação Noroeste/Sudeste, correspondendo a um muro de alvenaria de pedra e fragmentos de tijolo, ligados por uma argamassa amarelada, revelando as suas faces um aparelho regular, de forma rectangular. Os blocos de granito que a compunham eram de forma paralelepípedica, com uma face afeiçãoada, assentes em fiadas horizontais regulares (Est. XIV — 2). Com cerca de 0,50 m de largura, a parede assentava directamente na arena granítica, que foi ligeiramente afeiçãoada para a receber.

Esta estrutura constituiria o limite Norte de uma grande sala pavimentada em «opus signinum» (camadas 3 e 4), pavimento este que encostava à parede através de uma cinta de fragmentos de telha, tipo rodapé.

Estrutura B' — Correspondia a um reforço da estrutura A', à qual adossava pelo lado Sul. Apenas com uma face, apresentava um enchimento de calhaus e cascalho com terra, dispersos caoticamente, atingindo uma largura de 0,80 m. O aparelho era irregular, denotando uma construção pouco cuidada. Sem vala de fundação, assentava em estratos subjacentes de abandono das estruturas A' e C' (Est. VI).

Estrutura C' — Muro de alvenaria de granito e fragmentos de tijolo, com duas faces e largura média de 0,60 m. O aparelho era de excelente qualidade, aproveitando silhares «almofadados» e pedras afeiçãoadas de outras construções. Os blocos dispunham-se regularmente em fiadas horizontais.

Assentava directamente no pavimento de «opus signinum» referido na descrição da estrutura A', através de um alicerce definido por uma fiada de blocos ligeiramente salientes em relação ao prumo da parede.

Esta estrutura desenvolvia-se pelas zonas B3 e B11, com uma orientação paralela à estrutura A' e B', articulando-se com um pavimento de terra batida (camada 7).

Estrutura D' — Correspondia ao muro de descarga do arco cruzeiro da capela, estabelecendo a ligação entre os dois pilares que suportam o referido arco. Era de alvenaria de pedra e fragmentos de tijolo, ligados por argamassa amarela muito argilosa, com um aparelho regular formado por blocos dispostos em fiadas horizontais.

Foi implantado nas camadas subjacentes através de vala de fundação, assentando num alicerce mais largo composto por blocos irregulares de granito.

Estrutura E' — Semelhante à estrutura B', correspondendo ao reforço da estrutura F'.

Estrutura F' — Semelhante à estrutura A' correspondendo ao limite Sul da sala.

Estrutura G' — Vestígios de uma sepultura, definida por blocos de granito afeixoados, dispostos em caixa, de forma trapezoidal.

Implantada nos estratos subjacentes, apresentou vestígios osteológicos humanos no seu interior, revelando profunda violação.

Alicerces da Capela — Colocaram-se a descoberto nas zonas B1, B10 e B11, onde apresentavam um aparelho irregular, formado por calhaus não afeixoados e blocos reaproveitados de outras construções, alguns «almofadados», ligados por argamassa amarela. Em B10 apresentavam uma espécie de sapata contínua, afastada do prumo da parede cerca de 0,60 m.

3.3.2. Estratigrafia (Est. VI)

Para a análise da estratigrafia deste sector seleccionamos o corte AB, correspondente ao corte longitudinal da Capela (Est. VI).

Sobre a arena granítica, cortando a Norte uma pequena camada de terra arenosa fina, coloração castanha amarelada e com bolsas de areia mais claras e outras mais escuras (camada 1), que corresponderia a uma deposição natural, foram implantadas as estruturas A' e F' e feito um enchimento de nivelção — camada 2, com características semelhantes à camada 1, mas de coloração ligeiramente mais escura e menos bolsas de areia.

Entre as duas estruturas referidas, e constituindo o seu primeiro solo de ocupação, o enchimento de nivelção (camada 2) recebeu um pavimento tipo «opus signinum», constituído por duas camadas: camada 3, formada por cascalho de granito e fragmentos de tijolo, envoltos em terra e argamassa, que corresponderia a uma preparação; camada 4, assente sobre a anterior, formada por fragmentos de tijolo e telha (2,5 cm, em média), tijolo moído e barro, de coloração vermelha, consistente. A sua superfície apresentava, de forma irregular, uma finíssima alteração de coloração cinzenta escura, com alguns carvões dispersos.

A camada 5 era um enchimento de terra areno-argilosa, de coloração castanha amarelada, pouco consistente e com material grosseiro disperso, que corresponderia à regularização da área a Sul da estrutura F'. Sobre ela estendia-se a camada 6, de terra areno-argilosa e coloração cinzenta com manchas esbranquiçadas, pouco consistente.

Sobre o pavimento acima referido (camada 3/4) e sem o destruir, construiu-se a estrutura C' e depositou-se a camada 7, que era de terra areno-argilosa fina, de coloração amarela acastanhada, muito consistente, sobretudo na parte superior e com alguns fragmentos de tijolo

e tégula dispersos. Interpretamos esta camada como um pavimento correspondente ao único solo de ocupação articulável com a estrutura C' e segundo da estrutura A'.

As camadas 8 e 9, respectivamente de terra areno-argilosa de média consistência, com material grosseiro disperso, coloração castanha clara com manchas de argamassa amarela e bolsas de terra cinzenta, e de terra de coloração castanha clara, média consistência e abundante material grosseiro disperso, estendem-se entre as estruturas A', C' e F', correspondendo ao seu abandono.

As estruturas B' e E' vão implantar-se sobre os estratos subjacentes (camadas 8 e 9), adossando-se às estruturas A' e F'. Articulam-se com as camadas 10, 11, 12 e 13, que apresentavam as seguintes características: camada 10, lenticula de terra saibrosa, de coloração amarela, consistente, que embora detectada apenas em B6 poderia corresponder aos vestígios do solo de ocupação; camada 11, de terra areno-argilosa pouco consistente, coloração castanha e com abundante material grosseiro, correspondente ao derrube das estruturas; camada 12, de terra com consistência variável, de coloração castanha clara manchada com bolsas de argamassa amarela e terra cinzenta, apresentava algum material grosseiro disperso; camada 13, era uma lenticula de terra arenosa fina, coloração castanha acinzentada clara, consistente. Estas duas camadas, em conjunto com a camada 14 a Sul da estrutura F' (terra castanha escura, material grosseiro disperso), corresponderiam a depósitos de abandono deste sector.

As camadas 15, 16 e 17, são já revolvimentos de estruturas: a primeira, de terra castanha de média consistência, recobre parcialmente a estrutura C' e a camada 13; a segunda, de terra areno-argilosa fina, de coloração acinzentada com manchas castanhas, consistente, surgiu sob o alicerce da estrutura D' e cobria ligeiramente a estrutura E'; a terceira, de terra castanha escura, pigmentada de argamassa amarela e terra cinzenta, continua a anterior para Sul, encostando à estrutura F'.

A camada 18 constituía o enchimento da sepultura correspondente à estrutura G', que foi violada, e é de terra de matriz areno-argilosa, coloração castanha clara e pouco consistente. Apresentava restos de um esqueleto, de que só foi possível identificar parte do crâneo.

A camada 19, limitada à zona da capela-mor, sobrepunha-se às estruturas F' e G' e às camadas 16, 17 e 18. Era formada por terra de matriz areno-argilosa fina, de coloração castanha clara, pouco consistente e com algum material grosseiro disperso, incluindo na sua parte superior uma lenticula de argamassa amarelada, de matriz argilosa fina e consistente (camada 20).

Com os alicerces da estrutura D', articulavam-se directamente as camadas 22, 23 e 24 (enchimentos da vala de fundação), e indirectamente a camada 21 (enchimento da vala de fundação da parede Sul da capela). As valas de fundação foram abertas na camada 19, cortando-a respectivamente a Norte e a Sul.

As camadas 25 e 26 correspondiam à ocupação da Capela de Nossa Senhora do Rosário, traduzida em enterramentos, articulando-se com a estrutura D' e com os pavimentos lajeados da capela-mor e do vestíbulo. A camada 25 estendia-se pela zona da nave sobre as estruturas A', B' e C' e camadas associadas, apresentando uma coloração castanha pigmentada de argamassa amarela, pouco consistente e com algum material grosseiro disperso. Para além de

envolver, no lado Sul, um caixão de madeira, esta camada penetrava na camada 12, a espaços regulares, correspondendo à implantação dos pilares de granito que suportavam os taburnos do piso da capela. A camada 26, estendia-se pelas zonas da nave e capela-mor, correspondendo a um segundo nível de enterramentos. Envolveria diversos caixões, distribuídos regularmente e orientados segundo o eixo maior da capela, encaixando-se alguns deles na estrutura D'. A terra era de matriz areno-argilosa, pouco consistente e de coloração castanha escura.

3.3.3. Espólio

A — Cerâmica

O espólio cerâmico recolhido neste sector apresenta as mesmas características que o do sector A, devendo assinalar-se, porém, algumas variações e particularidades.

Ao nível dos fabricos romanos, regista-se um ligeiro aumento das cerâmicas de importação, traduzido num maior número de fragmentos de ânfora, de formas indetermináveis, e na recolha de 3 fragmentos de Sigillata Hispânica datável dos séculos I e II d.C. — um de forma indefinida, proveniente da camada 2; outro de forma Drag. 27, proveniente da camada 2; e um terceiro de forma Drag. 37, recolhido na camada 5.

A cerâmica de fabrico romano apareceu em praticamente todas as camadas, em resultado das perturbações estratigráficas provocadas pela longa ocupação do sítio, sendo de notar, contudo, a sua exclusividade nas camadas 1 a 5.

Na cerâmica medieval, que apareceu apenas a partir da camada 6, verificou-se predominar o segundo grupo descrito no sector A, constatando-se uma ligeira diminuição do grupo de cerâmica tipo «Senhora do Leite». Do terceiro grupo, assinala-se a sua proveniência a partir da camada 10.

B — Outros Materiais

Recolheram-se vários fragmentos de vidros quase todos de fabricos modernos. Dos de fabrico romano, identificaram-se 3 fragmentos, recolhidos na alteração superficial cinzenta da camada 4, de vidro de coloração verde-gêlo, decorado com um fio relevado de vidro branco, de forma indeterminável, datável do séc. I d.C. (ALARCÃO 1965).

Nas camadas 25 e 26 recolheram-se fragmentos de tecido e de rosários provenientes dos enterramentos.

3.3.4. Interpretação

A sequência ocupacional estabelecida para este sector corresponde à do sector A, definindo-se idênticas fases.

Fase I — Corresponde aos vestígios mais antigos, definidos pelas estruturas A', F' e pavimento de «opus» (camadas 3 e 4) e pelas camadas que com elas se articulam (camadas 1, 2, 3, 4 e 5).

A Sigillata Hispânica recolhida na camada 2, sob o pavimento, e os fragmentos de vidro decorado com fio relevado recolhidos sobre o mesmo, datam-nos a construção e ocupação destas estruturas nos séculos I e II d.C.¹³

Este conjunto de estruturas e camadas deverá corresponder aos vestígios de uma «villa» romana, cuja existência se presumia da abundância de epígrafes dessa época encontradas nas imediações¹³.

Fase II — Reutilização das estruturas da ocupação anterior, com repavimentação da sala (camada 7) e construção de novas estruturas (C'), mantendo-se a mesma orientação.

O espólio recolhido nas camadas associadas a esta fase (camadas 6, 7 e 8), sugere uma contemporaneidade com a Fase II do sector A (construção da primitiva igreja de Dume — estrutura B), o que corresponderá à adaptação da «villa» a Mosteiro, que as fontes documentais referem ter sido fundado pelo Bispo de S. Martinho junto à igreja de Dume, «virado a Braga» (AMARAL, 1903-8 e FERREIRA, 1928-59).

Fase III — Construção das estruturas B' e E' sobre os estratos de abandono da ocupação anterior. Perdura ainda a mesma orientação espacial, determinada pelo adossamento das novas paredes às estruturas mais antigas (A' e F'), mas já com uma significativa elevação do nível de circulação (camadas 9 e 10 (?)). Englobamos ainda nesta fase, os níveis de demolição/derrube e de abandono definidos pelas camadas 11, 12, 13 e 14.

Embora o espólio cerâmico recolhido permita situar esta fase no mesmo horizonte ocupacional da Fase III, do sector A, há uma nítida diferença na técnica construtiva das respectivas estruturas: bem alicerçadas e com um aparelho cuidado no sector A; de construção frustre e irregular aqui no sector B. A indefinição funcional destas últimas, pela pequena área escavada, não nos permite avançar mais considerações sobre o significado desta distinção.

Fase IV — A sepultura correspondente à estrutura G' e os remeximentos definidos pelas camadas 15, 16, 17 e 18, bem como o nível de abandono compreendido pelas camadas 19 e 20, não ofereceram espólio elucidativo da sua cronologia. Contudo, a sobreposição das estruturas neste sector sugere para este conjunto uma contemporaneidade com a Fase IV do sector A.

Fase V — Esta fase corresponde à construção da Capela de Nossa Senhora do Rosário (estrutura D' e camadas 21, 22, 23 e 24), enterramentos e enchimentos posteriores nas zonas da capela-mor e nave, que provocaram o remeximento da estratigrafia até

ao topo das estruturas das ocupações anteriores.

Abrange um período que se estende do início do século XVII¹⁴ até finais do século passado, de que datam os últimos enterramentos feitos no interior da capela.

4. Considerações finais

A área intervencionada nestas escavações, apesar de corresponder apenas a uma pequena parte da área ameaçada, ofereceu abundante espólio e revelou uma sobreposição de estruturas bastante significativa, atestando uma ocupação que se estende do séc. I d.C. até aos nossos dias.

Reveste particular importância a descoberta do que tudo indica ser a Igreja e Mosteiro alto-medievais de Dume.

O objectivo fundamental das escavações foi atingido, comprovando-se quer a existência de vestígios arqueológicos quer a sua importância e valor histórico-científico.

A área intervencionada não permitiu avaliar as suas exactas dimensões, mas vestígios de superfície sugerem que se distribuem por todo o adro e se estendam ainda para Norte (sob a estrada) e para Sul (sob os quintais, jardins e hortas das propriedades contíguas).

A potência estratigráfica existente, o relativo bom estado de conservação das ruínas e mesmo alguma monumentalidade, aliadas à rica sequência ocupacional do sítio, cuja primeira e provisória leitura intentamos nas páginas precedentes, oferecem amplas perspectivas para o estudo desta estação, nomeadamente ao nível das modalidades de povoamento rural romano e medieval, arte, arquitectura, cerâmicas, etc...

No caso específico da arquitectura, pensamos mesmo que Dume poderá constituir um elemento chave para a compreensão da evolução da arquitectura religiosa alto-medieval, sobretudo se for possível articular o seu estudo com o da Capela de S. Frutuoso, situada a escassas centenas de metros¹⁵.

O projecto de ampliação e restauro da Igreja Paroquial, bem como o de criação de um núcleo museológico em Dume para receber o túmulo do Bispo S. Martinho, enriquecem-se assim com os vestígios arqueológicos existentes, cujo aproveitamento (em fase de estudo) trará uma inequívoca valorização aos espaços em causa.

Braga, Julho de 1988

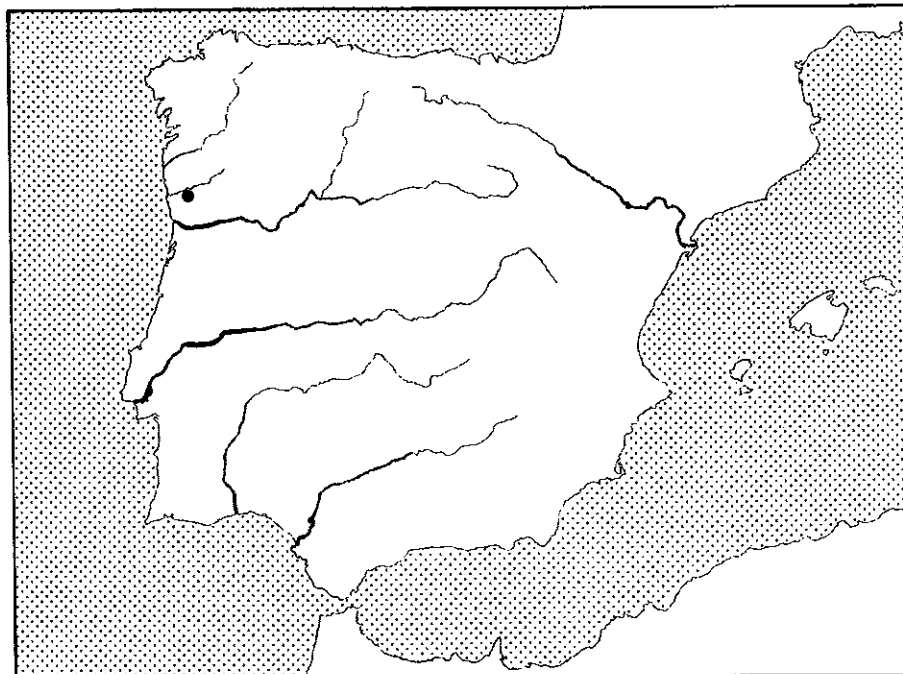
¹⁴ Segundo amável informação do Dr. Duarte Salazar Chaves, no Tombo da Mitra de 1608, fl. nº572 verso, do Arquivo de Braga, existem referências documentais à Ermida da Senhora do Rosário, em confrontação com as casas do Assento.

¹⁵ Importará salientar, porém, que uma abordagem deste género só será possível com um estudo de carácter monográfico. Projecto que, aliás, se encontra em fase de elaboração e que pensamos vir a implementar num futuro próximo. Mas independentemente desse estudo se realizar ou não, afigura-se-nos imperioso que o Salvamento iniciado em 1987 se conclua, particularmente assegurando o acompanhamento das obras na Igreja Paroquial.

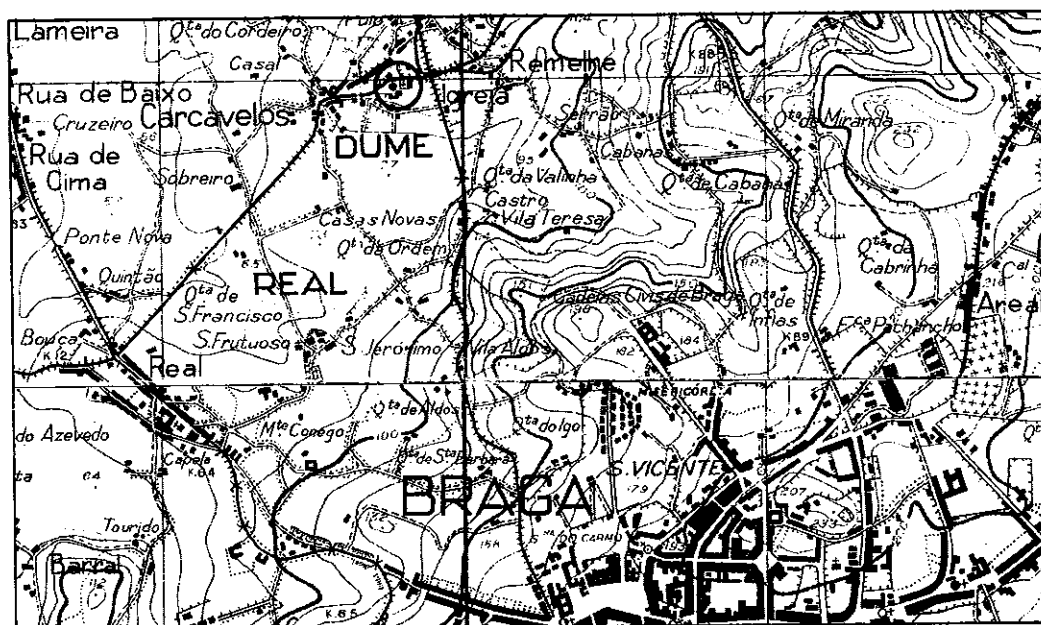
BIBLIOGRAFIA

- ACUÑA CASTROVIEJO, Fernando (1974) — *Mosaicos Romanos de Hispania Citerior, III, Conventus Bracarenensis*. Santiago de Compostela.
- ALARCÃO, J. e A. (1965) — *Vidros Romanos de Conímbriga*. Museu Monográfico de Conímbriga.
- ALMEIDA, Fernando de (1962) — Arte Visigótica em Portugal, *O Arqueológico Português*, Nova Série, IV, Lisboa.
- AMARAL, António Caetano do (1803) — *Vida, e Opúsculos de S. Martinho Bracarense*, Lisboa.
- ARGOTE, Jerónimo Contador de (1732) — *Memórias para a História Ecclesiástica do Arcebispado de Braga*. Lisboa.
- CABALLERO ZOREDA, Luís (1987) — Hacia una propuesta tipológica de los elementos de la arquitectura de culto cristiano de época visigoda (Nuevas iglesias de El Gatillo e El Trampal); *Arqueologia Medieval Española, II Congreso*, I: Ponencias. Madrid.
- COSTA, Avelino de Jesus da (1959) — *O Bispo D. Pedro e a Organização da Diocese de Braga*, I. Coimbra.
- , (1965) — *Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae*. Braga.
- COUTINHO, João de Moura (1957) — Os Sarcófagos de Dume na Arte Pré-Românica. *Bracara Augusta*, VIII, n.º 3-4 (37-38), Braga, pp. 283-294.
- , (1978) — *As Artes Pré-Românicas em Portugal. São Frutuoso de Montélios*. Braga.
- FERREIRA, José Augusto (1928) — *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga* (séc. III — séc. XX), I. Braga.
- FREITAS, Bernardino José de Senna (1890) — *Memórias de Braga*, I, II, Braga.
- GASPAR, Alexandra (1985) — Escavações Arqueológicas na Rua de Nossa Senhora do Leite, em Braga. *Cadernos de Arqueologia*, Braga, Série II, 2, 1985, pp. 91-125.
- LEAL, Pinho (1974) — *Portugal Antigo e Moderno*, 2, Lisboa.
- MACIEL, Manuel Justino Pinheiro (1980) — *O «De Correctione Rusticorum» de S. Martinho de Dume*. Braga.
- MARTINS, Maria Manuela (1987) — *O Povoamento Proto-Histórico da Bacia do Curso Médio do Cávado*. Braga, (tese de doutoramento polic.).
- SCHLUNK, Helmut e T. Hauschild (1978) — *Hispania Antiqua*. Mainz an Rhein.
- SILVA, Manuel (1919) — *Dume e o seu primeiro Bispo*. Póvoa de Varzim.
- TRANOV, Alain (1981) — *La Galice Romaine*. Paris.

ESTAMPA I

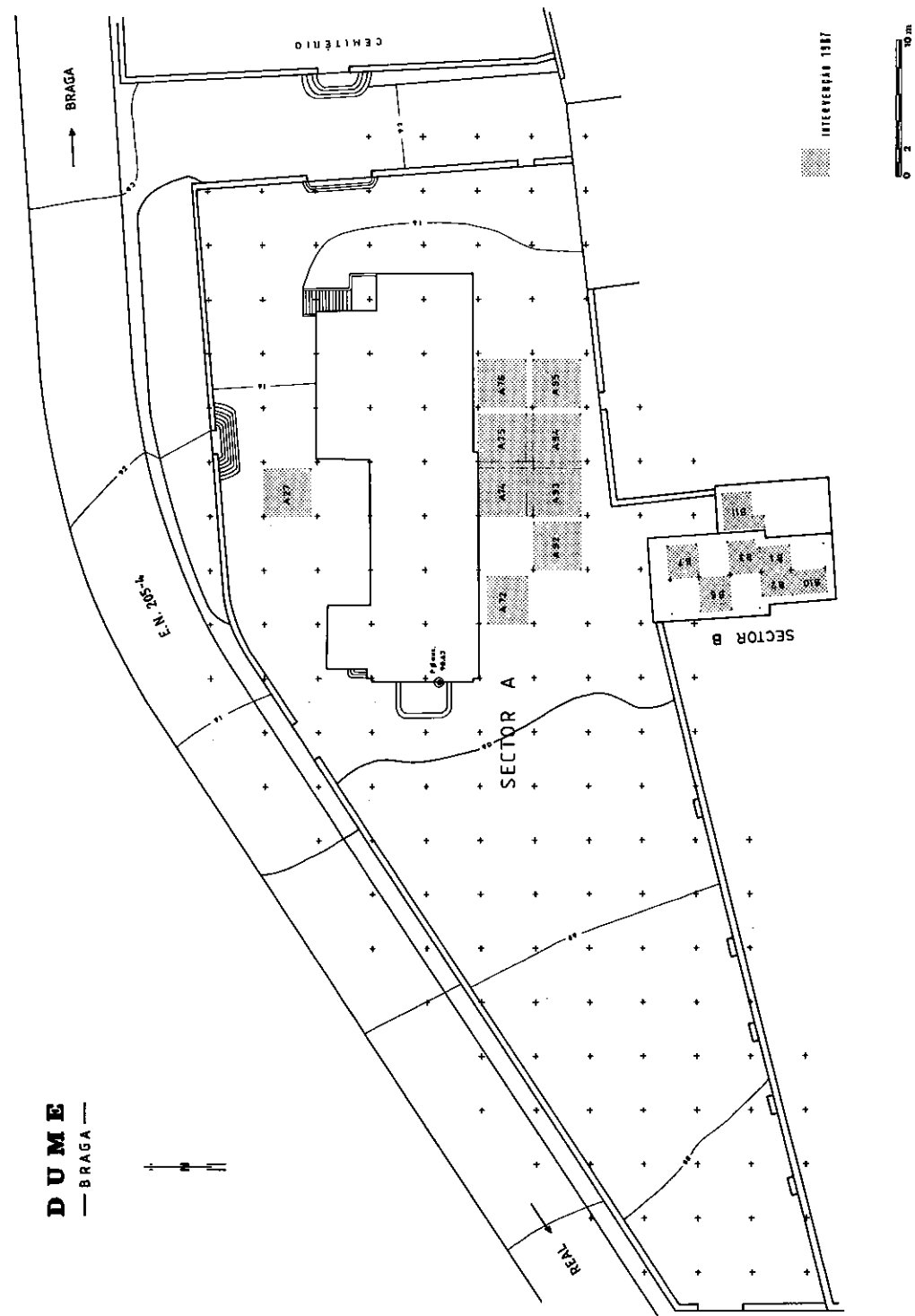


1 Localização de Dume (Braga) na Península Ibérica.

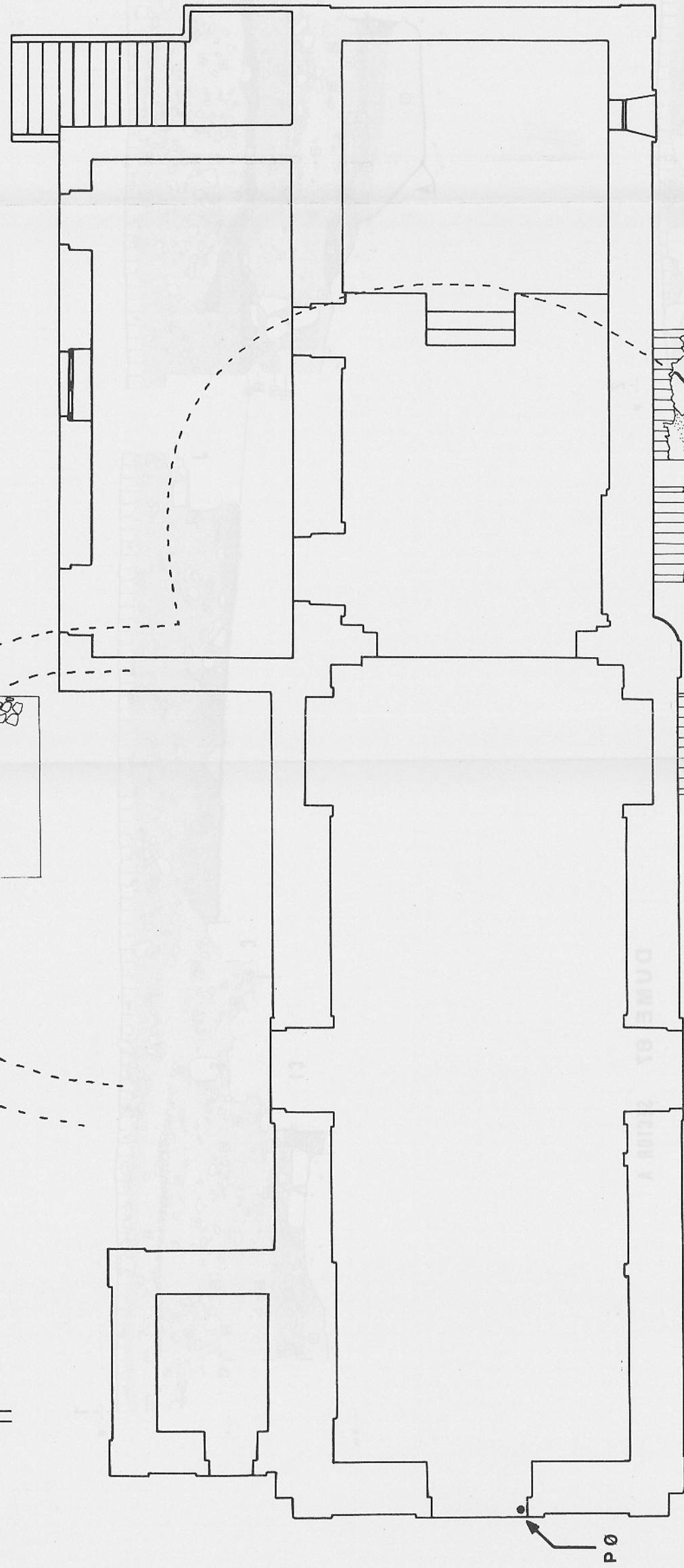
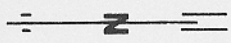


2 Localização da estação arqueológica de Dume (Cartas dos S.C.E. nºs 56 e 70. Esc. 1:25.000).

ESTAMPA II



Localização das zonas de intervenção (Esc. 1:500).

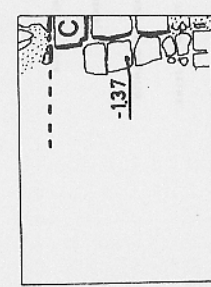
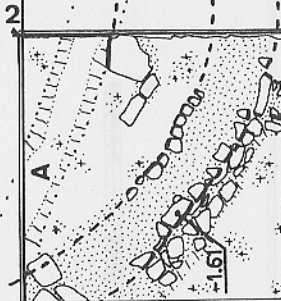
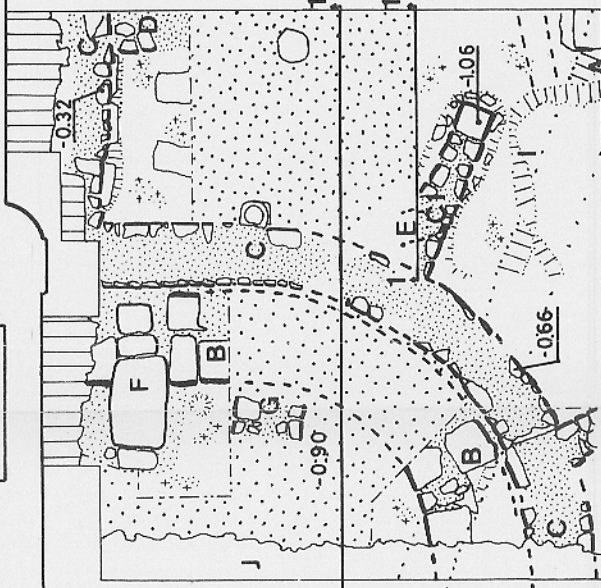
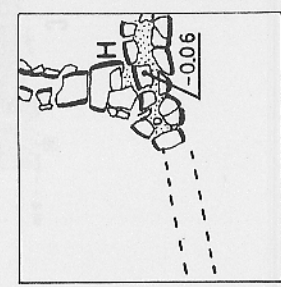
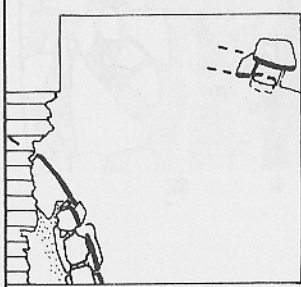
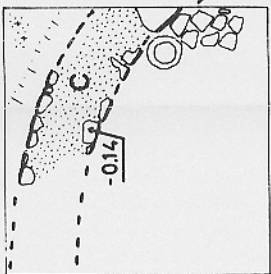


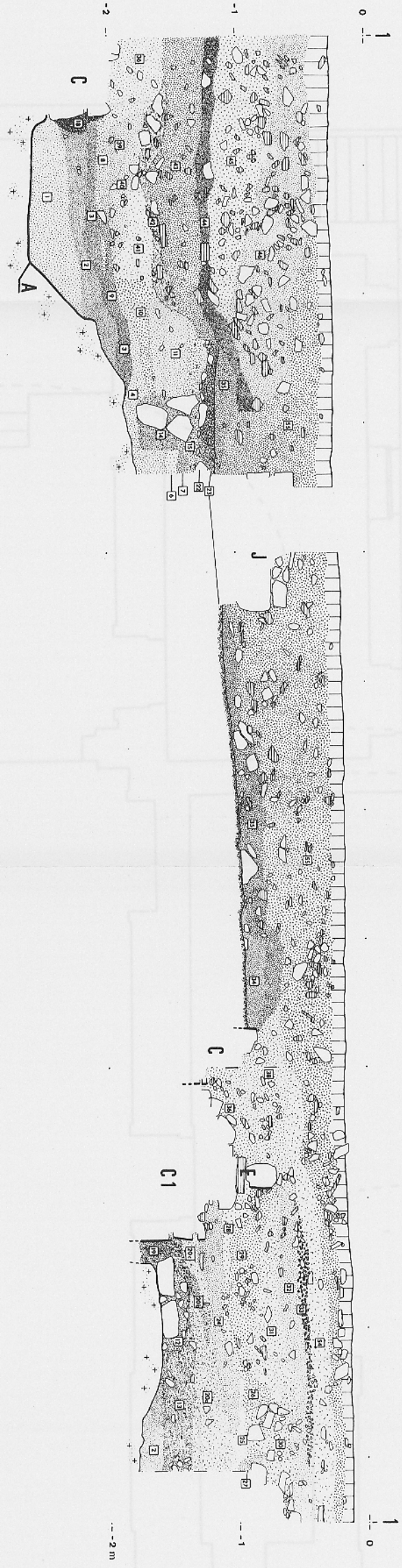
- MUROS
- PAVIMENTOS
- ARENA
- RECORTES NA ARENA



— D U M E —

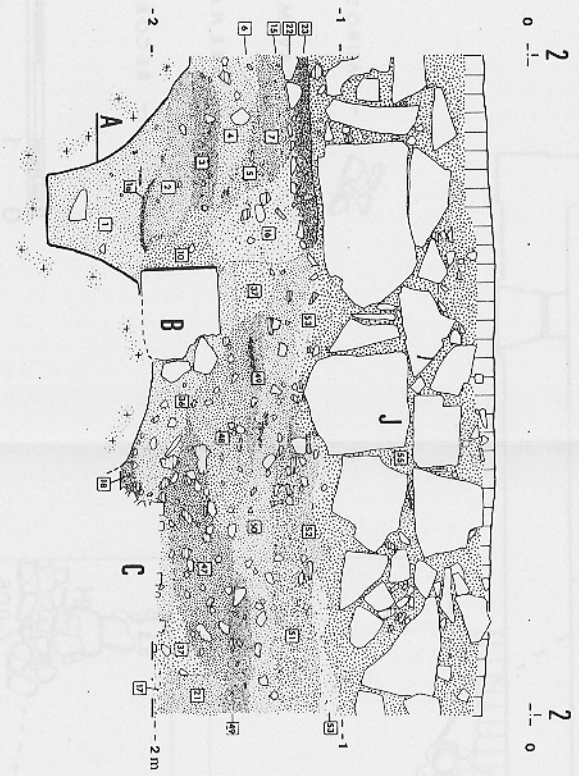
SECTOR A 1987





1
0
-1
-2
-3m

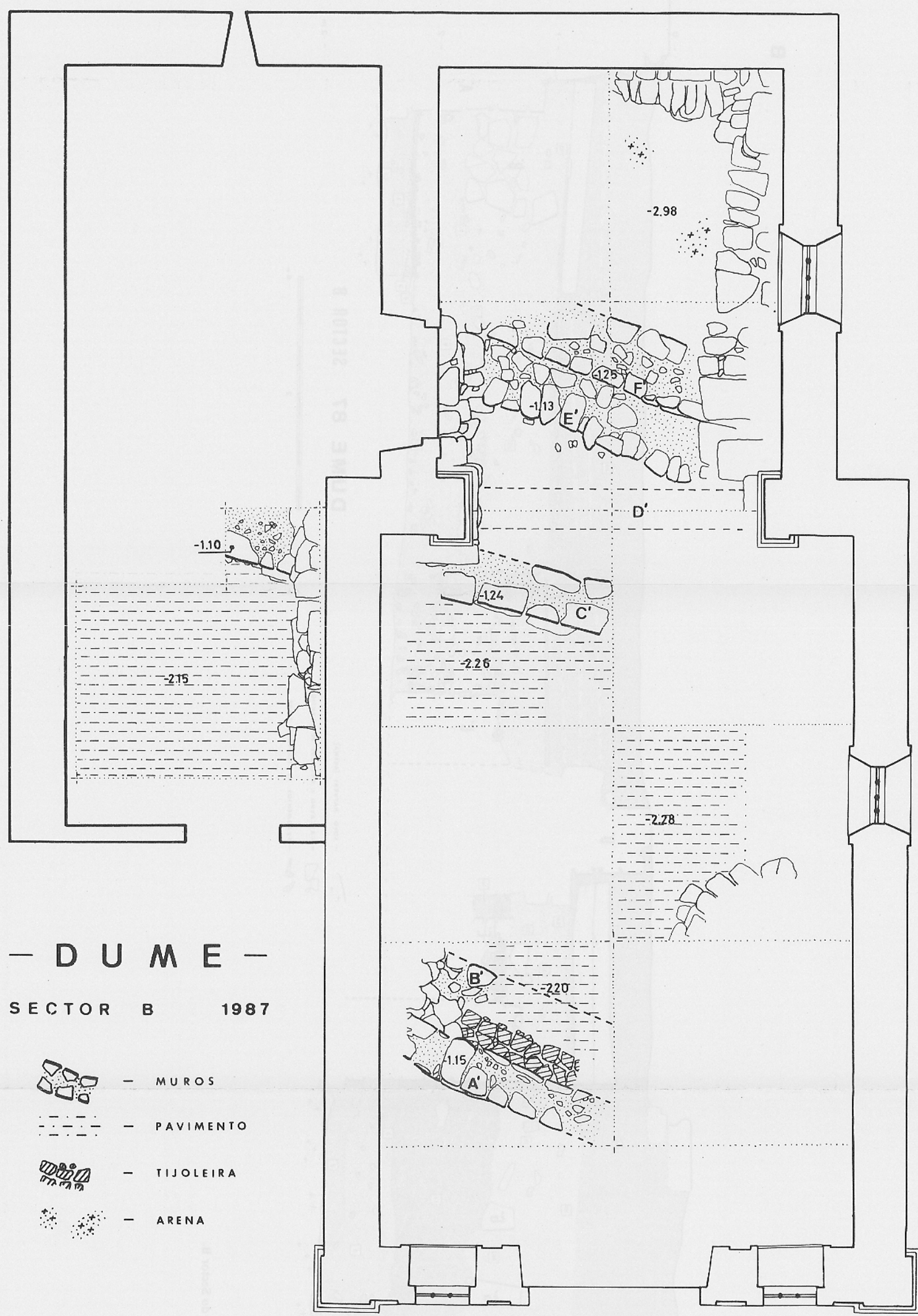
2
0
-1
-2
-3m



DUME 87 SECTOR A

- CAMADA SUPERFICIAL HUMOSA
- SOLO NATURAL (AREIA)
- CASCALHO E CALHAIS DE GRANITO
- FRAGMENTOS DE TIJOLO E TELHA



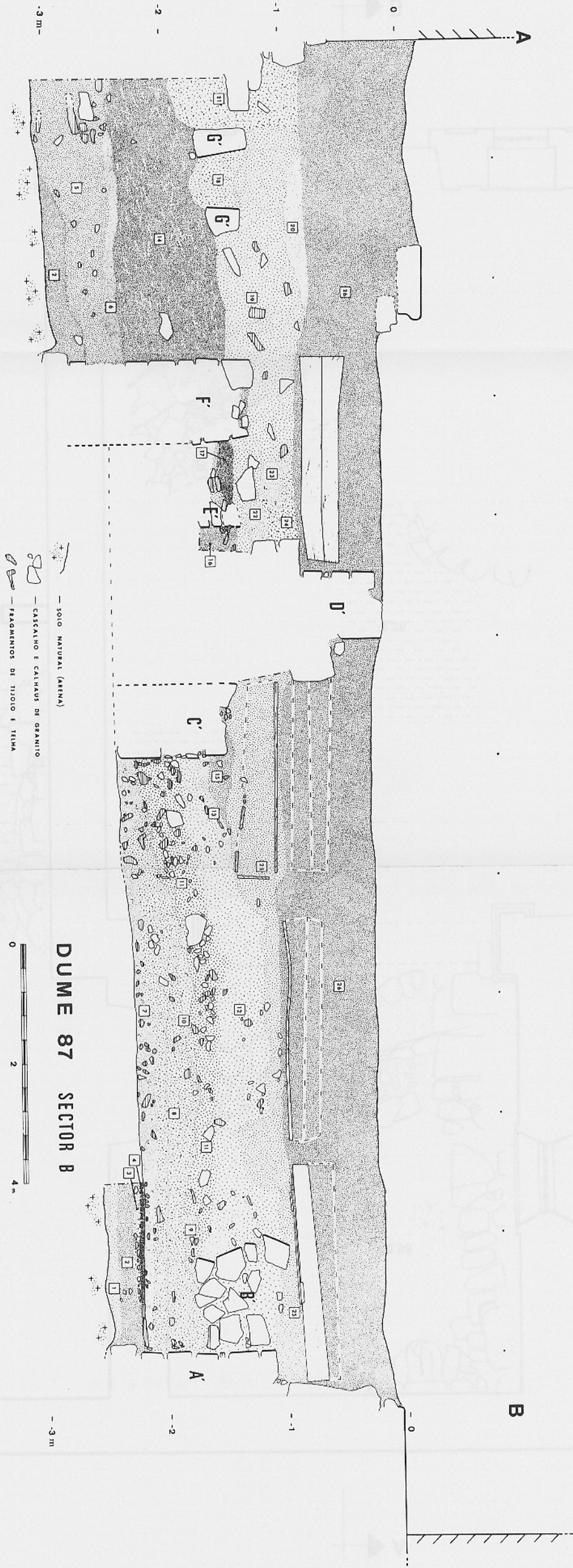


— D U M E —
SECTOR B 1987

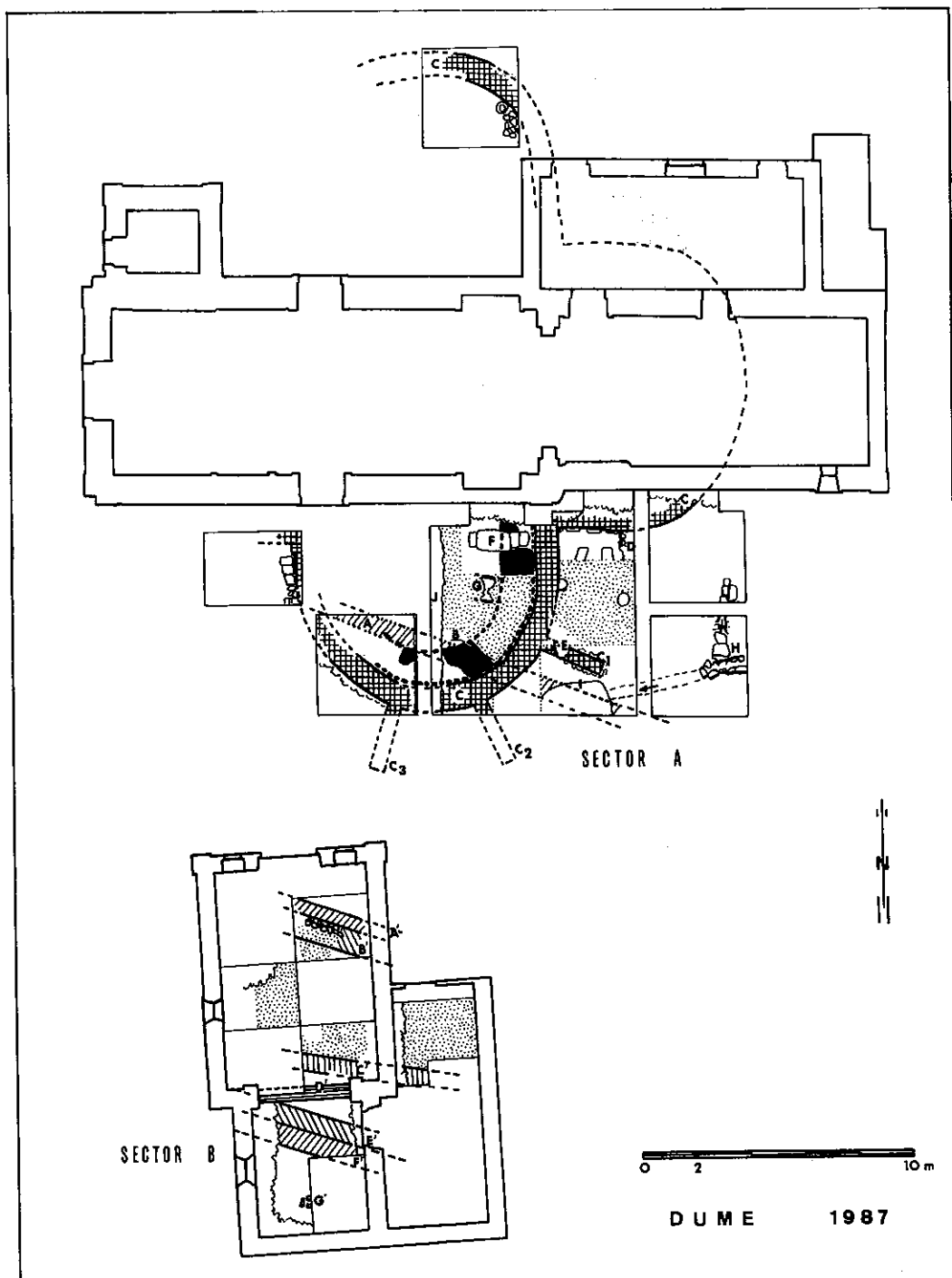
- MUROS
- PAVIMENTO
- TIJOLEIRA
- ARENA

0 1 5 m



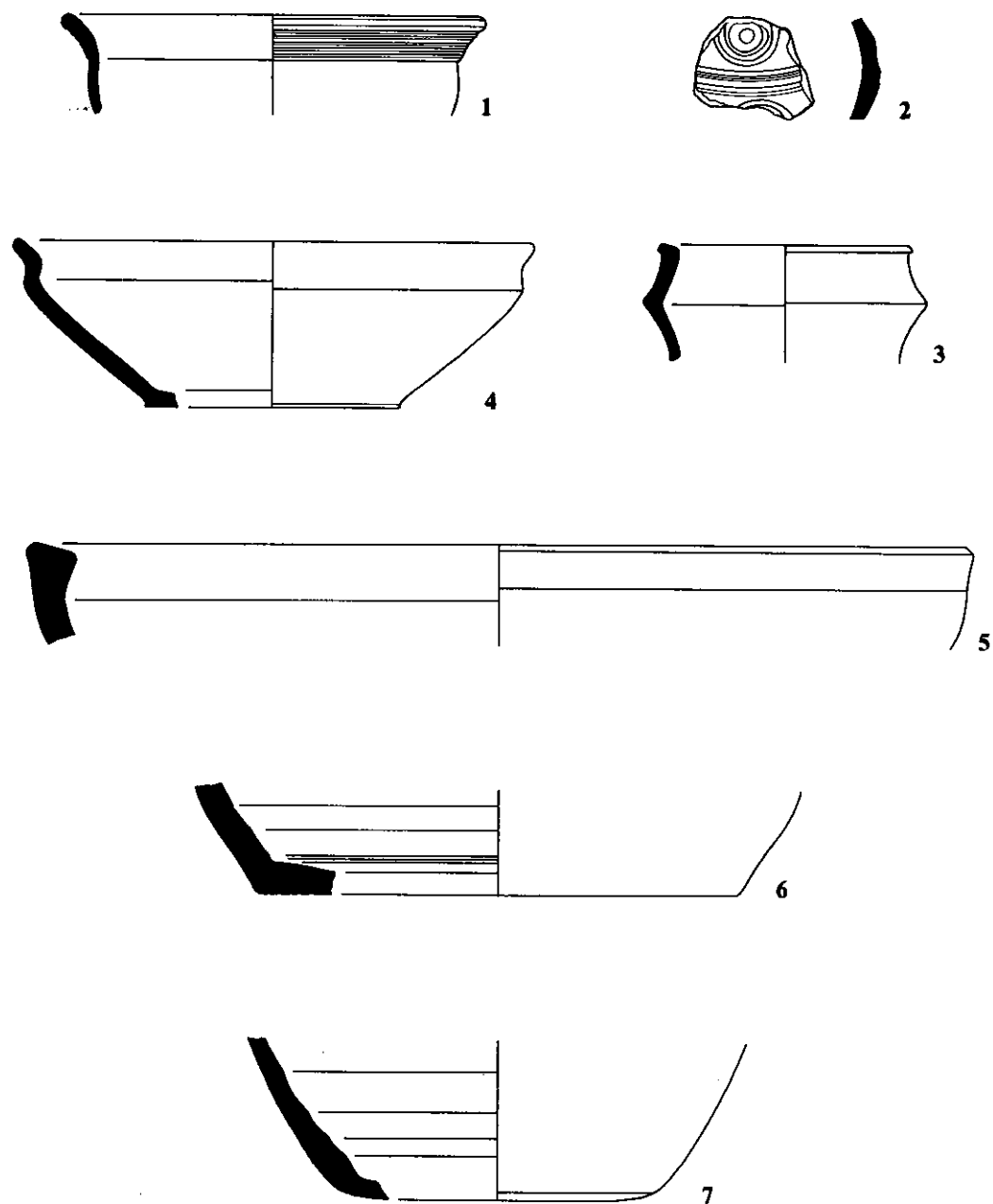


ESTAMPA VII



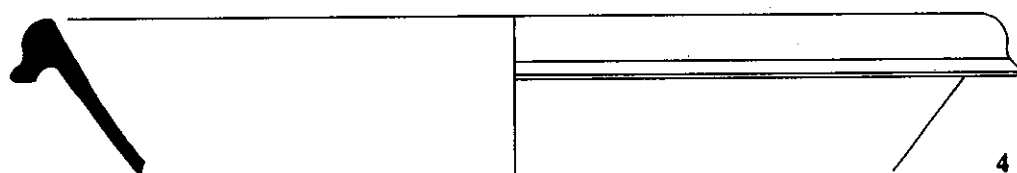
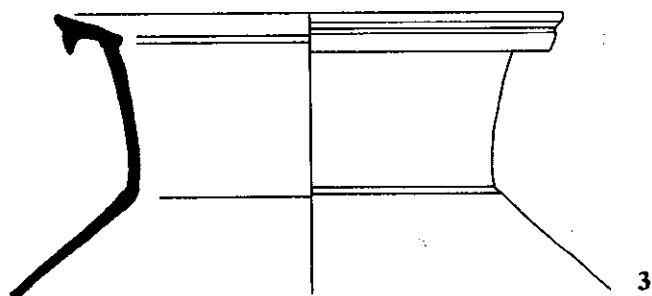
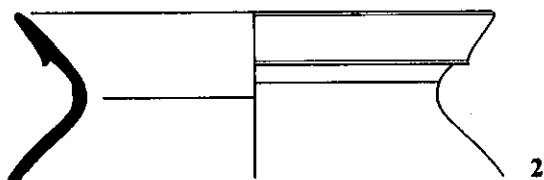
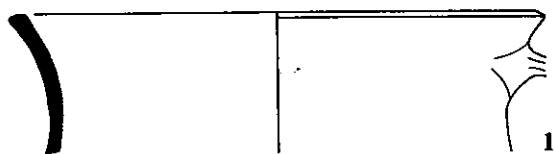
Planta esquemática dos sectores A e B (Esc. 1:250).

ESTAMPA VIII



Desenho do espólio cerâmico: Fase I: 1 e 2; Fase II: 3 e 4. (Esc. 1:2,5); Fase III: 5 (Esc. 1:3), 6 e 7 (Esc. 1:2,5).

ESTAMPA IX



Desenho do espólio cerâmico. Fase IV: 1 a 3 (Esc. 1:2,5) e 4 (Esc. 1:3).

ESTAMPA X



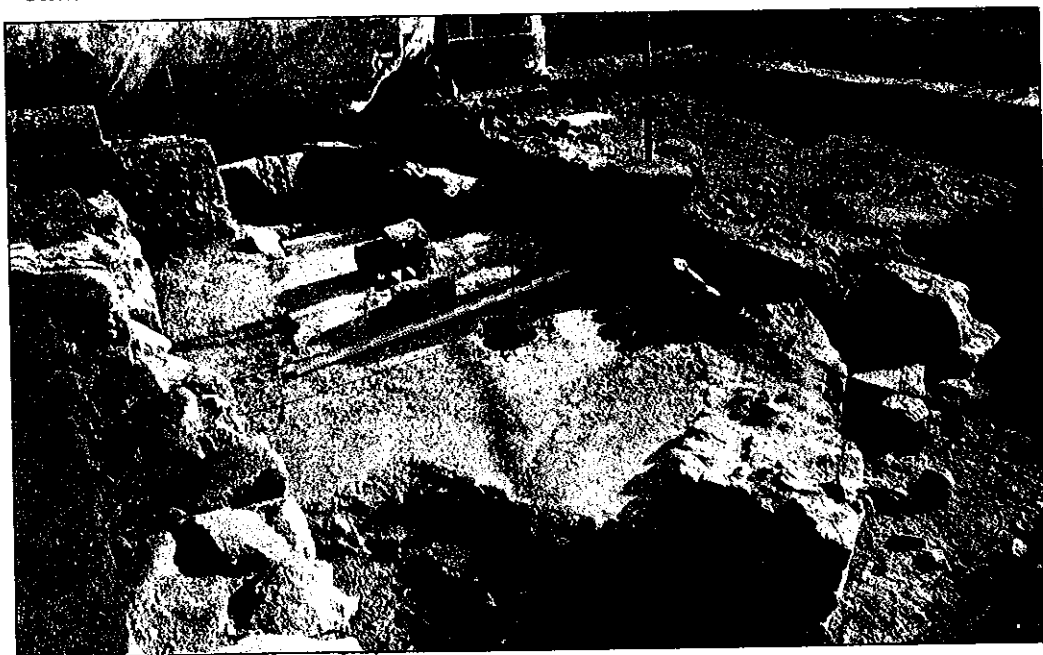
1 Aspecto do fragmento de «cancel» (?) no momento do achado.



2 Pormenor do fragmento central de mosaico.



1 Igreja Paroquial de Dume, adro e Capela de Nossa Senhora do Rosário, onde se realizou a intervenção. Vista de Oeste.



2 Perspectiva de conjunto dos cortes: A74, A75 e A93, ilustrativa da configuração da ábside sul. É de notar a destruição em A93 (primeiro plano).

ESTAMPA XII



1 Corte A92 e plano final.



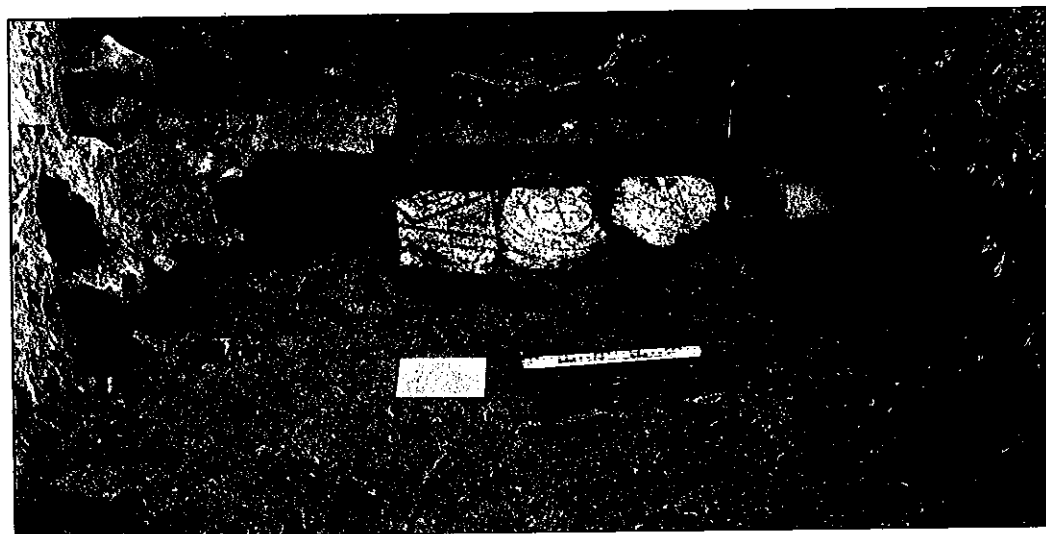
2 Corte A93 e plano final.



1 Corte A75. Pormenor do travamento das ábsides.



2 Corte A74. Pormenor do enchimento - Reparar na posição dos restos osteológicos, indicando violação.

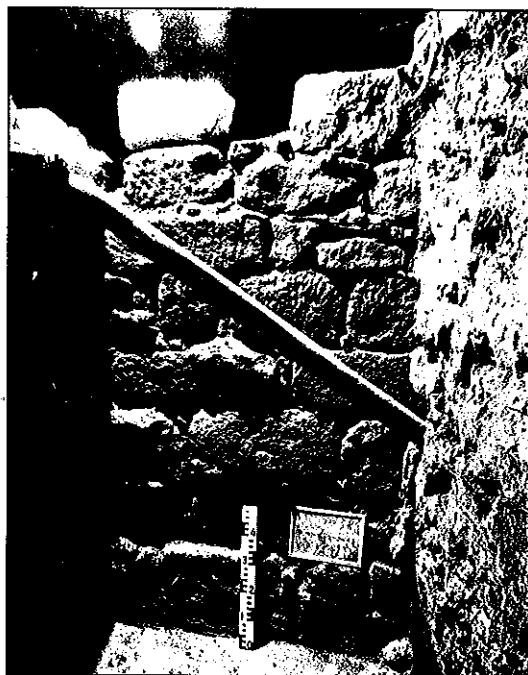


3 Corte A72. Plano final. Atente-se na colocação dos fragmentos de mosaico junto da soleira (estrutura 2).

ESTAMPA XIV



2 Corte B10. Alçado da estrutura F'



1 Sector B, após as escavações.